

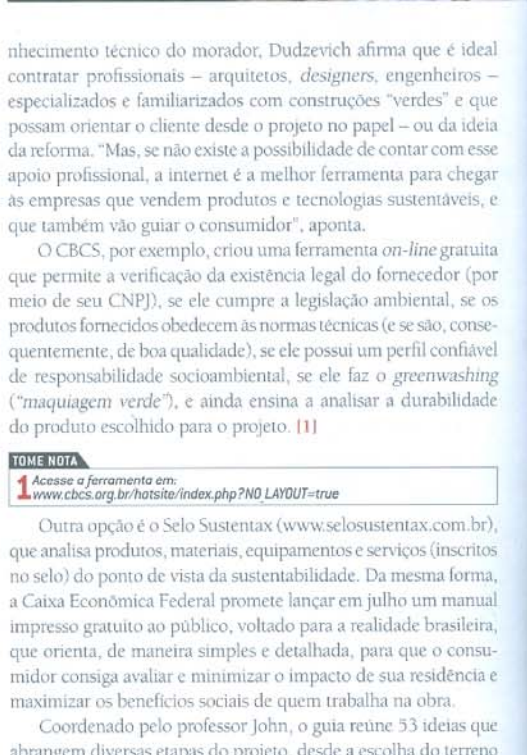
REPORTAGEM **MORADIA**

Não tinha teto, não tinha nada

De sustentável, a construção tem apenas o sonho. O que está ao alcance da mão, por enquanto, são **maneiras de reduzir os impactos** socioambientais de uma obra

POR Carmen Arnold # FOTO Bruno Bernardi





A ideia de morar em uma casa sustentável é encantadora. Mas, antes de usar e abusar da expressão "sustentável", vale saber: o que é uma moradia verde e quão próxima ela está da realidade?

Sustentabilidade implica viver de maneira permanente em equilíbrio com os recursos gerados pelo planeta. Mas, na área de construção civil, os edifícios e as casas estão sempre destruindo o ambiente natural para criar o urbano, e nossas cidades ainda estão em crescimento. "Por isso, ainda estamos longe da sustentabilidade – podemos fazer coisas mais sustentáveis, mas não uma construção sustentável", afirma o engenheiro Vanderley John, professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e membro do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS).

Partilha da mesma opinião o engenheiro Airton Dudzevich, especialista em materiais sustentáveis e sócio-diretor da SuperGreen, empresa que comercializa produtos, sistemas e soluções em eficiência de água e energia. Segundo ele, uma casa com impacto zero seria uma caverna, lugar onde nada foi criado, só aproveitado. "Mas, quando construímos algo em um terreno, é uma ação que modifica a natureza, então conseguimos uma moradia sustentável desde que façamos ações compensatórias."

Como tudo o que fazemos deixa uma pegada ecológica, e uma ação só pode ser considerada sustentável de fato se a natureza conseguir "apagar" essa pegada, o que está ao nosso alcance neste momento é buscar formas de reduzir impactos.

Na visão da arquiteta Eloise Amado, membro do Comitê de Projetos do CBCS, a sustentabilidade em construções significa, sobretudo, um investimento que dá ao usuário um retorno garantido de redução dos impactos sociais e no meio ambiente e de economia de dinheiro a médio e longo prazo.

Mesmo assim, esse é um entendimento em geral pouco claro na sociedade. Para se ter ideia, "muitas pessoas já me perguntaram se um telhado verde – superfície vegetal que diminui a temperatura dentro da construção e contribui para absorver a água da chuva – é o mesmo que pintar o telhado de verde", conta Eloise.

Para John, apesar de a sustentabilidade ser uma meta ainda inatingível, uma pessoa decidida a fazer uma casa que impacte menos outras pessoas e o meio ambiente já encontra uma série de materiais à disposição no mercado brasileiro.

E, antes que pense em construir, há uma solução ainda menos impactante: de uma nova obra causa muito mais impactos do que a utilização de um imóvel existente. Por isso, John defende que uma boa reforma é a maneira mais simples, fácil e barata de ter uma casa "verde". "Em um edifício construído, os principais elementos que causam impacto são o uso de água e energia e o descarte de esgoto e resíduos. Então as soluções precisam ser pensadas em torno desses quatro elementos", observa.

Como se orientar?

Por conta da quantidade de detalhes envolvidos e do desco-

nhecimento técnico do morador, Dudzevich afirma que é ideal contratar profissionais – arquitetos, designers, engenheiros – especializados e familiarizados com construções "verdes" e que possam orientar o cliente desde o projeto no papel – ou da ideia da reforma. "Mas, se não existe a possibilidade de contar com esse apoio profissional, a internet é a melhor ferramenta para chegar às empresas que vendem produtos e tecnologias sustentáveis, e que também vão guiar o consumidor", aponta.

O CBCS, por exemplo, criou uma ferramenta *on-line* gratuita que permite a verificação da existência legal do fornecedor (por meio de seu CNPJ), se ele cumpre a legislação ambiental, se os produtos fornecidos obedecem às normas técnicas (e se são, consequentemente, de boa qualidade), se ele possui um perfil confiável de responsabilidade socioambiental, se ele faz o *greenwashing* ("maquiagem verde"), e ainda ensina a analisar a durabilidade do produto escolhido para o projeto. [1]

TOQUE NOTA

1 Acesse a ferramenta em: www.cbcs.org.br/hotsite/index.php?NO_LAYOUT=true

Outra opção é o Selo Sustentax (www.selosustentax.com.br), que analisa produtos, materiais, equipamentos e serviços (inscritos no selo) do ponto de vista da sustentabilidade. Da mesma forma, a Caixa Econômica Federal promete lançar em julho um manual impresso gratuito ao público, voltado para a realidade brasileira, que orienta, de maneira simples e detalhada, para que o consumidor consiga avaliar e minimizar o impacto de sua residência e maximizar os benefícios sociais de quem trabalha na obra.

Coordenado pelo professor John, o guia reúne 53 ideias que abrangem diversas etapas do projeto, desde a escolha do terreno

até a seleção de materiais e fornecedores. No fim do processo, se o imóvel for financiado pelo banco, ainda ganha gratuitamente o Selo Casa Azul.

A arquiteta Eloise, do CBCS, sugere que o consumidor se oriente pelos selos e certificações, ainda que não tenha interesse em adquirir o título. "É uma informação fácil e disponível, e a pessoa pode usar os critérios que lhe interessarem como *checklist* para seus próprios projetos", constata. Ela sugere o selo americano Leed e o francês Aqua (*mais em quadro abaixo*). John observa que algumas certificações bem conhecidas e respeitadas podem também guiar o consumidor na hora da compra, como o selo Forest Stewardship Council (FSC) para produtos de madeira. "Mas temos que ter cuidado, porque tem uma quantidade enorme de selos no mercado que a gente não sabe o que eles significam", alerta.

O engenheiro aponta, no entanto, que, por existirem milha-

Antes de pensar em construir, a solução menos impactante é reformar um imóvel já existente

res de materiais dentro de uma casa, ele observa certa dificuldade dos moradores em conseguir reunir toda a informação sobre cada produto e fornecedor e identificar, em um "mar de ofertas", quais são os mais indicados para seu projeto.

Por isso, Dudzevich recomenda três passos para identificar o material mais alinhado com a sustentabilidade: observar a eficiência e os resultados oferecidos; a relação entre custo e benefício; e a distância para acessá-lo. Quanto menor, melhor, pois são emitidos menos gases de efeito estufa no transporte. "Hoje, muitos produtos ainda vêm da China, porque não há alternativa nacional", explica.

David Douek, arquiteto e consultor especializado em Green Building, membro do CBCS e do Instituto Ethos, complementa: "É preciso considerar o impacto no entorno, o consumo de energia, de água, os materiais utilizados, a responsabilidade social e ambiental e o conforto do usuário. Um exemplo de como fazer a escolha mais responsável é por meio da análise do ciclo de vida dos materiais, que permite, entre outras questões, comparar o consumo de energia ou a emissão de gases de efeito estufa. Dessa forma, é possível decidir entre um tipo ou outro de alvenaria". Mas esta é uma informação pouco disponível ao consumidor, que precisa de orientação de um especialista.

John acrescenta, ainda, que, além de todos esses aspectos, um material só pode ser considerado sustentável se for produzido na economia formal, respeitando a legislação trabalhista,

A polêmica dos selos green building

Na área de edifícios comerciais, o tema da certificação aquece discussões. De um lado, os que defendem as certificações como estímulo a práticas sustentáveis e como boas diretrizes para as obras. De outro, os que acreditam que os selos internacionais são adaptações que não cabem na realidade brasileira e muitas vezes engessam o projeto ao estabelecer soluções rígidas que, talvez, não façam sentido para o projeto específico – mas que são obedecidas por "dar mais pontos".

Hoje existem diversos selos, entre os quais os mais novos buscam se adaptar à realidade brasileira. Mas o Leed foi o primeiro a chegar ao Brasil, é ainda o mais usado e reconhecido, e não permite adaptações. "O Leed, por exemplo, estabelece o uso de carpetes e não fala sobre legislação trabalhista, porque essas coisas fazem parte da cultura norte-americana. Aqui, no Brasil, não faz sentido", explica Eloise Amado, arquiteta membro do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS).